

JUSTIÇA... NAS GRANDES E NAS PEQUENAS COISAS

Justiça. Esse é o apelo da população. Pessoas saem às ruas clamando por seus direitos, exigindo que culpados sejam punidos e que a corrupção, que tem ocupado constantemente os noticiários, dê lugar a notícias melhores.

Queremos justiça. Exigimos justiça. Sonhamos com uma sociedade mais justa. Mas a verdade é que parece estarmos longe de uma realidade que possa ser traduzida pelos ideais de justiça. Só vemos corrupção. Estamos, literalmente, atolados na lama da imoralidade.

Os bilhões roubados nos incomodam. Os votos comprados, as fraudes, os contratos superfaturados e tantos outros sinais da injustiça nos fazem gritar bem alto: “queremos justiça”. Sentimento correto. Mas me pergunto se ele existiria se as quantidades fossem menores. Se os protagonistas fossem desconhecidos. Se os desvios fossem mais sutis. Se não estivéssemos falando de bilhões, mas sim de alguns trocados. Se não fosse a Petrobras, mas sim a banca do camelô. Se não fosse o político recebendo propina, mas sim o cidadão comum ficando com alguns trocados a mais. Será que sentiríamos alguma coisa? Talvez. E é aí que está o problema. Sentimento é algo volúvel, impreciso, indefinido e, por vezes, frágil, a ponto de simplesmente desaparecer. Sentimentos são, basicamente, reações. Reagimos de maneira mais emocional e intensa diante dos números maiores, das cores mais fortes, dos discursos mais apaixonados e daquilo que se mostra pelos meios de comunicação em massa.

Sentimentos não são o bastante para inaugurarmos um tempo de justiça. Em vez deles, precisamos de senso de justiça. São coisas bem diferentes. Enquanto o sentimento de justiça é uma reação, o senso de justiça é um senso moral, é um ímpeto e uma busca incessante pela justiça. Não é apenas uma emoção: é uma disposição interior. É onde se fundamenta a verdadeira justiça. Não importa a quantidade ou o valor. Nem se a notícia apareceu no noticiário de maior expressão nacional ou foi comentada por duas ou três pessoas. Podem ser moedas, um pequeno comércio. Mas, se é injusto, um senso nos obriga a lutar. Lutar contra as forças mais terríveis da imoralidade, da corrupção e da ganância. Não é tanto a emoção, mas, muito mais, a razão. Se está errado, o senso de justiça nos leva a uma postura de enfrentamento, nos dá aquele senso de busca pela justiça, não só diante das grandes coisas, mas também das pequenas. Aqui, estamos falando de essência e não de aparência. Não podemos admitir a injustiça, seja nas grandes ou pequenas coisas. Devemos buscar a justiça nas grandes e pequenas coisas. A começar por mim, nos valores de que disponho e diante das opções e acordos que faço: justiça! Que o empenho seja o mesmo, diante dos bilhões ou dos trocados.